

Miserere

JOÃO MORAIS BARBOSA

Miserere



QUADRANTE

Miserere
João Morais Barbosa
1ª edição — 2025

Título original:
Miserere
Copyright © Herdeiros de João Morais Barbosa, 2025

Projeto gráfico de capa e miolo
Karine Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Morais Barbosa, João.
Miserere / João Morais Barbosa – São Paulo, SP: Quadrante Editora, 2025.
Título original: Miserere

ISBN 978-85-7465-989-3

1. Bíblia - A.T. Salmos - Meditações 2. Experiência religiosa e vida prática
I. Título.

CDD 223.206

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia - A.T. Salmos - Meditações - 223.206
2. Experiência religiosa e vida prática - 204

Li o manuscrito da obra MISERERE, de JOÃO MORAIS BARBOSA, e nada encontrei contrário à fé e aos bons costumes, antes revela a alta espiritualidade do seu Autor. Por isso, em relação à sua publicação, declaro que Nada obsta.

Lisboa, 12 de agosto de 1985
António Rodrigues
– Bispo Auxiliar de Lisboa

Todos os direitos reservados a
QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 – Tel.: (11) 3873-2270
CEP 01252-020 – São Paulo-SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

6	•	Abertura, por Fernando Gil
18	•	Prefácio
26	•	Introdução
30	•	Capítulo I
44	•	Capítulo II
60	•	Capítulo III
72	•	Capítulo IV
86	•	Capítulo V
100	•	Capítulo VI
106	•	Capítulo VII
120	•	Capítulo VIII
130	•	Capítulo IX
136	•	Capítulo X
148	•	Capítulo XI
162	•	Capítulo XII
170	•	Capítulo XIII
178	•	Capítulo XIV
184	•	Capítulo XV
194	•	Capítulo XVI
202	•	Conclusão
204	•	Posfácio, pela mulher (Bli)

Abertura,
por Fernando Gil

“Este livro é estranho.” Assim inicia-se o prefácio em que João Morais Barbosa relata as adversidades da publicação do livro que aqui se apresenta.

Aquelas palavras explicam estas adversidades. *Miserere* é um texto cujo único contexto reside numa experiência invulgar sob diversos aspectos. Mais precisamente, trata-se de um escrito à margem da literatura, da filosofia ou da teologia, não obstante a densidade reflexiva que também carrega. Ele nos narra uma experiência interior singular — uma aventura espiritual obstinada e desmedida: o desdobramento de uma “vocação para a santidade” dentro das “pequenas coisas” da vida familiar e profissional de um professor de filosofia.

É esta dupla indeterminação — a ausência de um “horizonte” literário e de uma referencialidade externa à experiência relatada, a literariedade e a literalidade do relato — que torna *Miserere* um livro incômodo, capaz de criar um mal-estar persistente. Tendo a crer que é este mal-estar que explica as hesitações dos editores.

A literariedade quer dizer um estilo que recusa a mínima afetação e que transporta a espiritualidade mais elevada numa linguagem de todos os dias, ora humilde ora arrebatada, próxima às vezes da edificação e da catequese, imparável e quase implacável (ter-se-ia vontade de dizer) em sua desarmante simplicidade. Não é uma linguagem em que se penetra facilmente.

Na realidade trata-se de outra coisa. A escrita de *Miserere* é pessoal no seu sentido mais forte — pois é uma confissão, como adiante se dirá —, e isso bastaria para lhe tirar referência e a tornar desconfortável. Mas menos suportável ainda poderá parecer o desajuste entre as balizas rígidas das rotinas e das pequenas coisas e o excesso da experiência que elas circunscrevem; e a sinceridade sem precauções da escrita, o aparente impudor com que aquela experiência nos é dada.

Na realidade, porém, é também de outra coisa que se trata. A sinceridade literal deste livro resulta de uma intenção de espiritualidade: *Miserere* comunica-nos a experiência de um homem como um *exemplum* — a tradição dos *exempla* é a única em que *Miserere* se inseriria; numa outra tradição, Uriel da Costa chamou à sua autobiografia *exemplar vitae humanae*. Ou seja, uma experiência que deixou de pertencer ao autor porque ele

a reapropria em nome alheio: em nome de uma transcendência. Por ser *exemplum* e para o ser, terá de se manifestar em sua mais integral nudez: a questão do pudor não se levanta. No limite, *Miserere* é um texto anônimo de edificação.

Mas é, sobretudo, a experiência que nos é comunicada que não encontra contexto dentro da nossa vida bem temperada, em que o próprio excesso tem os seus lugares marcados. Admitir-se-ão, mesmo se ferirem sensibilidades contemporâneas, a distinção absolutamente estrita entre o Reino de Deus e o mundo que não é reino, bem como as convicções “tradicionalistas” do autor.

Deixar-se-á passar, talvez como artifício retórico, uma correspondência com o rei Davi, autor do Salmo que este livro glosa. Tolerar-se-á, já com maior esforço, a total identificação com um ideal religioso e com as exigências que dessa identificação decorrem: a procura da santidade, a aceitação plena da aparente falta de motivação da graça ou da existência do inferno, a obrigação de amar a Deus e não ao sentimento, de não abrigar a “ferida do pecado” — tema que percorre este *Miserere* — à sombra de categorias genéricas, por exemplo a finitude do homem: “Digo culpas, no plural, porque confessar a culpa em abstrato não mete medo, e suponho que os

confessionários já ouviram muitos lamentos desta natureza que parecem mais uma queixa do homem contra a sua fragilidade do que uma acusação sincera” — ou, em direção oposta à primeira vista, o reconhecimento ilimitadamente humilde da mesma finitude: “O que não significa que ir à confissão não custe. Só que nas coisas espirituais temos de ser muito humanos, logo muito materiais também. Portanto, é conveniente encontrarmos estratégias que, fazendo-nos perder o medo, nos aproximem de Deus. O meu é de ver em Deus uma criança. Ele o foi durante muitos anos, e também assim nos redimiou. (...) Isso não O ofende e me traz vantagens.”

Certamente, serão menos toleráveis outros aspectos da experiência religiosa do autor, especialmente a sua intimidade (ia escrevendo: familiaridade) com o sobrenatural e a sua confiança, propriamente transbordante, na misericórdia de Deus (a misericórdia divina pela nossa miséria é a lição do *Miserere*). Desta confiança, o livro inteiro é testemunho. Quanto à qualidade da relação com o sobrenatural, sirva este trecho como exemplo:

Havia anos que morrera um grande amigo meu. Tenho muita confiança em que está no Céu. Recorri uma vez mais à sua intercessão, seguro de que me

ouviria e nos pouparia a morte de Joãozinho. Ou, então, dar-nos-ia forças para aceitarmos a vontade de Deus. Meti a mão no bolso e toquei no terço. Um dos motivos que me leva a crer que esse meu amigo está junto de Deus jaz neste fato: sempre que lhe peço alguma coisa, ele me leva à Virgem. Ou olho casualmente para uma imagem dela, ou me lembro duma jaculatória... Comecei a rezar o terço.

Menos comum, porém, de tudo o que assinalei até agora é aquilo que constitui o cerne admirável deste livro: ser ele um canto de confissão e de amor (“tantas páginas de confissão e amor”), confissão que é amor, amor que é confissão, confissão de amor que se eleva em direção a Deus: “A confissão é um ato de amor.” *Miserere é exemplum* (uma experiência individual com valor universal) em virtude do seu estatuto intermediário e ambíguo, entre ser uma confissão do autor a si próprio e aos outros — e ser uma confissão a Deus; entre o amor por uma mulher e pelos filhos e o amor por Deus. Também aqui há ambiguidade. É o amor por Deus que sustenta o amor pelo outro; mas amar a Deus subverte também qualquer outro amor. São estes os planos da experiência de *Miserere*.

Como qualquer experiência levada ao seu extremo, também esta é incomparável. Ela cria as suas próprias regras, às quais o leitor tem de se submeter se quiser entender o livro. É uma experiência que está, ao mesmo tempo, sempre, no abandono e na insônia, no sal de um mar ainda só promessa (“cheiro”) e a que não se tem acesso, da introdução, ao sal bebido (“o sal do mar que amas”, escreve o rei Davi ao autor) e à terra redimida da conclusão. Mas esta conclusão não é um resultado final; uma nova introdução inevitavelmente seguirá a ela. O movimento de uma para a outra não representa o caminho (Pirilampo, que o leitor virá a conhecer, voltará a fugir de casa): é antes um trabalho sobre si, para que a confiança cresça. Confissão e amor são o caminho de uma transfiguração permanentemente inalcançável, mas sempre mais forte em uma promessa sempre mais perto.

A confissão e o amor têm em comum serem relações assimétricas. Confesso-me sem saber se sou ouvido, amo mas não sei se sou amado (por isso se buscam “provas de amor”; cf. cap. VI). Mas, no amor, ouve-se Deus: “Por que é que te chamo amor com a mesma ternura com que digo o nome de Deus? Tenho um só coração, este de carne e de miséria. (...) Com ele O amo e te amo.” E, na confissão, é Deus quem ouve.

A esperança do *Miserere* de João Morais Barbosa está na metamorfose daquilo que, entre os homens abandonados a si mesmos, não pode ser senão assimétrico e intransitivo num começo de simetria e de transitividade, nas relações dos homens através de Deus e na relação do homem com Deus. Lê-se assim, logo a seguir à passagem que acabo de transcrever: “Com ele [o coração] O ofendo e te ofendo. Tem compaixão de mim, porque o teu coração é de carne como o meu.” E a misericórdia entre os homens ampara-se na misericórdia de Deus pelos homens, fonte única de transitividade. As mais belas páginas do *Miserere* são sobre o mistério do amor e da misericórdia divinas: “E agora, Senhor, em que mudei? Não me cabe o juízo. Julga-me Tu. Sou Teu réu, não meu juiz. Sou Teu filho. Perdoa-me por Ti. E quando me julgares no dia eterno, eu quero pedir-Te o impossível: julga-me pela Tua misericórdia e não pela Tua justiça. Diante dela, como poderia eu viver?” Sobre o poder redentor do “vínculo de amor”: “(...) se eu estava louco, era de Amor. (...) Não era por loucura que eu amava, mas era por amor que estava louco! Embriagado de Deus!”

A homenagem humana à misericórdia divina estará em tentar oferecer tudo a Deus e, antes de tudo,

a própria dor. Ler-se-ão com respeito as páginas em que João Morais Barbosa renuncia, por amor a Deus, a querer curar-se de grave doença: “Não quero a doença! Mas amo-a”; e: “Na carne doente o meu Deus amava-Se a Si próprio.” Mais comovente, contudo, é a renúncia a essa renúncia, e não por amor pelo outro, mas graças ao amor do outro por mim. Agora, enfim simétrico, o amor do outro exige que não me sacrifique. Obriga-me à vida. Esse amor, que a misericórdia divina me permite reconhecer, deve ser mais forte do que a vocação de sacrifício. Insistir neste seria doravante quase pecado:

No Céu, eu estaria sempre junto da terra que eles (“a Bli e os garotos”) pisassem. Mas roguei ao Senhor que não me levasse do mundo, pois havia nele corações que me queriam, e o seu choro eu não o desejava. A tal ponto amei o sofrimento que deixei de pedir a Deus que me curasse. E achei que esse pedido era necessário, e que possivelmente Deus o queria ouvir. Então, obriguei-me a rezar a Deus pela cura total, uma vez a cada dia. Mas, mesmo então, a oração foi um ato de pura vontade que fiz a contragosto, e ao pedir a cura acrescentei da minha lavra: “se a quiseses”...

O “estratagema” do autor consiste em tomar Deus como uma criança. O segredo deste livro está na “Alegoria de Pirilampo”, uma história inventada por João Morais Barbosa para os seus garotos. Como a eles, animar-nos-á tentar acreditar em que Pirilampo nunca mais fugirá de casa.

Fernando Gil

À Bli e aos frutos do nosso Amor:

o Pedro Miguel,

a Maria Joana,

a Maria Helena,

o João Domingos,

o José Nicolau,

o Diogo Maria,

a Maria do Rosário.

Prefácio

Este livro é estranho. Não encontro outra maneira de classificá-lo ao oferecê-lo agora ao público. Não se enquadra no gênero das obras de filosofia ou de teologia. Não é uma novela, ou um romance, ou outra coisa qualquer. É, sem dúvida, um texto de espiritualidade; e está informado pelo espírito cristão. Mas isso não basta para o etiquetar, porque livros de espiritualidade há muitos, e de estilos bem díspares entre si. A estranheza começa logo aqui, num prefácio escrito cinco anos após a redação da obra. E consuma-se no fato de, oferecendo-a eu às editoras católicas, acompanhada do devido *imprimatur* do meu bispo, sem lhes pedir em troca qualquer remuneração por “direitos de autor”, nenhuma delas ter querido publicá-la, com o agravante de que a maioria nem sequer manifestou o desejo de lê-la.

De fato, havia anos que sonhava escrever um livro diferente daqueles aos quais, por gosto e por dever de ofício, me habituara. Mas a profissão foi-me sempre adiando o projeto. E continuei, durante muito tempo,

a publicar apenas obras e artigos de pesquisa na área da filosofia. O sonho, porém, permanecia vivo. E eu pensava em sua realização de vez em quando, no momento que a inspiração me convidasse e as horas fossem um tanto mais libertas de outros trabalhos.

A primeira ideia que me surgiu foi a de um livro para estudantes universitários. A profissão faz-me conviver diariamente com eles. Mas muito raramente posso falar-lhes de outras coisas que não dos filósofos que devem conhecer se quiserem que os aprove nos exames. E há muitas verdades que as aulas não lhes oferecem. No entanto, eu próprio traduzira já o *Juventude e cristianismo*, de F. Suárez. Mesmo assim, imaginei um livro diferente desse, como uma conversa do professor com os seus alunos.

Não digo que é um projeto abandonado. Talvez um dia o retome. Aconteceu, porém, que veio parar em minhas mãos, há anos, a tradução italiana de *Vaso de argila*, de Leo Trese. Saboreei o texto com gosto. A sua leitura deu-me muito que pensar. Um sacerdote de doutrina sistemática, com obra de estilo tão diferente, que ali espalhava com sinceridade a sua luta cotidiana, vivida hora a hora, rumo à santidade! E então guardei a minha primeira ideia na gaveta, propondo-me a escrever um livro do gênero. Se um sacerdote encontra, em cada

momento, em cada circunstância, ocasião para amar a Deus, não sucede o mesmo com um leigo, homem casado e pai? A vocação para a santidade é universal, independentemente da diferença dos caminhos. Abra-ge a todos. A minha decisão foi firme, mas a execução tardava sempre.

E, enquanto não me dispunha a escrever, aconteceu de enamorar-me do *Miserere*, o Salmo 50. Rezei-o um dia em que o coração me convidava de um modo particular ao arrependimento. Em linguagem de amor, a mais verdadeira aliás, direi que me apaixonei pelo hino. E, desde então — já lá se vão mais de sete anos bem passados —, o *Miserere* passou a ser fonte inesgotável para a minha oração. Houve alturas em que dois versículos me proporcionaram longo tempo de prece elevada a Deus.

Então, quando na Quaresma de 1985 resolvi sentar-me para escrever, já não era o meu *Vaso de argila*, mas uma glosa ao Salmo 50 o que imaginara redigir. Foram dois dias “esquisitos” os que vivi então. Tive de conter-me, porque tudo me empurrava para a máquina de escrever. Sentia-me finalmente decidido. O livro de certo ia nascer. Só que, ao pensar no *Miserere*, vinha-me à mente a minha vida de família e a minha profissão de professor. Propunha-me então lançar-me ao *Vaso de*

argila, e aí estavam tantos motivos para erguer ao Céu um sincero *miserere Domine*. Qual foi a minha opção? Ao ler o livro, o leitor terá a resposta. Eu não sei responder. E, neste caso, o título da obra pouco importa. O texto que fale por si. Quem o escreveu fui eu, sem dúvida; mas creia o leitor que, ao percorrer agora o texto terminado, ele me vence de tal modo que me sinto impelido a refletir sobre o que ele me diz, a mim que fui o seu autor.

Por que este livro ficou na gaveta durante cinco anos? Tenho publicada mais de uma vintena de trabalhos, dentre os quais este é o décimo livro. Nunca encontrei tanta dificuldade na edição de um trabalho como com este. Não desejo relatar aqui as muitas adversidades pelas quais passou um texto que, sinceramente, mereceria maior interesse. Contatei quase todas as editoras católicas. Mas, na tão celebrada era do laicato, os leigos julgavam-se promovidos por lhes ser permitido subirem ao altar como leitores ou ministros extraordinários da Comunhão, enquanto os sacerdotes se acham *aggiornati*¹ por desempenharem

1 O termo *aggiornamento* é do período pós-conciliar. Pretendeu significar como que uma “renovação” da Igreja aos tempos hodiernos, sobretudo no que diz respeito à liturgia. Foi usada por muitas pessoas – e abusada por outras tantas.

funções laicais de professores, jornalistas etc. Quanto aos leigos, nisso resumem, o mais das vezes, o seu papel no seio da Igreja. E, por isso, atribuem a si mesmos, com um mal disfarçado orgulho, o título de “leigos esclarecidos”. Mas se um leigo, professor e pai de sete filhos, pretender publicar um livro de espiritualidade? Se, nesse ato, expuser a si próprio e sua intimidade, se arriscar muito de si próprio, apenas pelo amor de Deus e com o desejo apostólico de servir a quem o leia? Se não desejar dar o seu livro ao público antes de o submeter à aprovação do seu diretor espiritual? Se, obtida essa aprovação, não ficar só nisso e decidir fazer aquilo que já quase ninguém faz, a saber, solicitar o *imprimatur* ao seu bispo? E, finalmente, se o *imprimatur* vier? O que farão então as editoras católicas? O leitor tem a resposta no atraso da publicação deste livro. E, quanto ao muito mais que a propósito eu poderia contar-lhe aqui, prefiro calá-lo, pois não desejo magoar pessoas a quem amo.

É costume agradecer, nos prefácios, às pessoas que de algum modo nos ajudaram. Fiz isso noutros trabalhos meus. Devo respeitar a norma. Começo por exprimir a minha imensa gratidão a Davi, rei de Israel, sem o qual este livro não teria sido possível. E também a Leo Trese e ao seu *Vaso de argila*, por idêntico

motivo. Ao professor doutor Fernando Gil, meu caro colega e amigo, agradeço o apoio que deu à publicação desta obra junto de várias editoras, e também a sua amabilidade em redigir o texto de apresentação do livro, fatos que me tocam muito, tanto quanto o de ele não professar a minha fé católica e, assim mesmo, haver demonstrado para com o meu opúsculo um carinho que não encontrei em outras pessoas de quem legitimamente o esperaria. Aos meus sete filhos — o Pedro Miguel, a Maria Joana, a Maria Helena, o João Domingos, o José Nicolau, o Diogo Maria e a Maria do Rosário (nascida há um mês...), pela alegria que me dão em ser pai deles e que envolve o texto inteiro. À Bli, pela vocação matrimonial que comigo vive há dez anos, pelo encanto com que a olho e é o sangue que corre nas veias deste livro. Uma última palavra, mas não menos carinhosa, para Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer, Fundador do Opus Dei, a quem não cito uma só vez na obra, mas cujo espírito a percorre toda: o terço que me ofereceu, quando em Roma o conheci pessoalmente, eu o coloquei dentro da máquina de escrever enquanto redigi o livro.

Escrito na Quaresma de 1985, o texto refere-se a situações que, entretanto, se alteraram, mas de cuja

modificação não resultou qualquer prejuízo para o que de essencial ele nos transmite. Tinha então apenas quatro filhos e dirigia o departamento de filosofia da minha universidade. Hoje, três novas crianças enchem o nosso lar; e, por força de funções de maior responsabilidade no governo da faculdade, tive de abandonar as de direção do departamento. Ou seja: quer na vida familiar, quer na profissional, o peso da responsabilidade tornou-se bem maior. Mas em nada, como disse, se alterou o que de substancial existe no livro. Daí que não o tenha modificado.

Ao leitor, peço somente que reze por mim.

Lisboa, 5 de fevereiro de 1990